

**Prof. Stenio Esteter**  
**Por José Luís Salmaso**

Stenio Esteter é um estudioso e um entusiasta da obra de Euclides da Cunha. Em 2015, completará sua 50ª participação na *Semana Euclidiana*, um dos mais antigos e duradouros eventos culturais do Brasil, realizado anualmente na cidade de São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo, local onde foi escrita a obra *Os Sertões* e que preserva com afínco a memória do escritor.

Professor aposentado e com larga experiência no ensino de língua e literatura brasileira e portuguesa na Educação Básica, é um dos coordenadores do evento, além de ministrar nele palestras e conferências como “Conselheiro e Canudos: aspectos psicológicos”, “Aspectos redacionais do texto euclidiano”, “Análise literária dos 28 artigos da obra *Contrastes e Confrontos*”, “Análise literária de *Os Sertões*”. “Aspectos da comunicação no texto euclidiano”. dentre outras.



**Prof. Stenio, é uma grande satisfação tê-lo como entrevistado neste número da *Metalinguagens*. Gostaria que iniciasse falando um pouco sobre sua trajetória profissional no magistério e do especial interesse que tem pela obra de Euclides da Cunha.**

Comecei no magistério público em 1968 quando ainda cursava o 2º ano de Letras, período em que eu aprendia na faculdade de filosofia e ensinava para os alunos do curso científico de uma escola estadual de periferia no período noturno. Professor jovem, sonhador e idealista, mas decidido a encarar a profissão como sacerdócio, pois, “ser professor é estar constantemente aprendendo”, é interagir sempre com a escola, o meio e os educandos. Ainda aluno do 2º ano clássico numa escola pública, no ano de 1965, fui desafiado por meu professor de português e literatura a ter contato, ler e

pesquisar sobre a obra *Os Sertões* e a vida do escritor Euclides da Cunha, a fim de representar a Escola Estadual de 1º e 2º graus “Octávio Mendes”, no Alto de Santana, São Paulo, na 16ª Maratona Intelectual Euclidiana em São José do Rio Pardo nos dias de 08 a 15 de agosto daquele ano. A obra literária me assustou pela quantidade de páginas, apesar de eu ser leitor assíduo de diversas obras de nossa literatura, assim como da literatura estrangeira ou religiosa. Sempre gostei de leitura, especialmente da literatura brasileira, nossos autores clássicos que sempre me inspiraram para que eu pudesse ler bem para escrever bem. Apenas desconhecia o tema da obra euclidiana, enfrentando com coragem a leitura e preparando-me para ir a São José do Rio Pardo e fazer o melhor para representar com dignidade a escola em que eu estudava, mesmo sendo trabalhador durante o dia e estudante dedicado àquilo que me propunha à noite. A leitura foi orientada por meu saudoso mestre de literatura, Prof. Dr. Walter Francini, também dedicado ao estudo do “esperanto”, língua nova criada por Lázaro Zamenhoff, em 1866, que, na época me despertou grande interesse.

**Sugere algum roteiro para a leitura e estudo de *Os Sertões*, principalmente para os estudantes e leitores jovens?**

Costumo sugerir a técnica para a leitura de *Os Sertões*, que consiste na divisão e na leitura inversa da estrutura da obra. O estudante deve ler: 1º) A **luta** (narrativa da Guerra de Canudos, o massacre dos canudenses, sertanejos e jagunços fanatizados por Antônio Conselheiro às margens do rio Vaza Barris, na Bahia, em 1896 e 1897). 2º) O **homem** (descrição do homem sertanejo, brasileiro miscigenado que luta pela sobrevivência na terra, estimulado e incentivado pelo beato Antônio Conselheiro que apontava o sertão como a Canaã, a Terra Prometida); 3º) A **terra** (descrição dos aspectos geológicos, geográficos e climatológicos do sertão, terra que o sertanejo defendia como um presente de Deus para poder sobreviver, apesar da seca e das dificuldades, mas com a presença do beato Santo Conselheiro). Após esta leitura, o estudante deveria ler a obra na ordem em que foi escrita pelo autor: 1º) a terra; 2º) o homem; 3º) a luta, ordem correta da apresentação da obra.

Marcas profundas foram abertas em meu intelecto após a leitura desta obra que condensa sociologia, geografia, filosofia, etnologia, psicologia, além do conteúdo

literário. Cresci e amadureci ao ler e interpretar um texto de profundas reflexões sobre os problemas brasileiros do final do século XIX e que persistem até o século XXI, dos quais nós não temos conhecimento e muitas vezes fugimos e nos furtamos em conhecer, participar e atuar como patriotas, filhos de um país cheio de injustiças sociais. Uma obra de denúncia!

**O que é a Semana Euclidiana? Desde quando participa desse evento e como atua nele?**

A Semana Euclidiana é um movimento cultural iniciado em 1912 por um grupo de amigos de Euclides da Cunha, moradores em São José do Rio Pardo, “berço de *Os Sertões*”, pois foi às margens do rio Pardo que corta a cidade que Euclides deu vida a duas grandes obras de arte. 1ª) obra da reconstrução da ponte metálica sobre o rio que liga o sul de Minas Gerais a São Paulo trazendo o café para ser embarcado pela Estrada de Ferro Mogiana para o porto de Santos, em São Paulo e que permanece firme até hoje. 2ª) a obra de arte literária “*Os Sertões*” utilizando a cabana de zinco que servia de escritório para o grande engenheiro civil e literário; aproveitou os apontamentos sobre a Guerra de Canudos, período em que documentava os fatos e enviava para o *Jornal O Estado de São Paulo*; informações jornalísticas transformam-se em uma monumental obra literária!

Iniciei na Semana Euclidiana com estudante do curso Clássico no ano de 1965, era maratonista, nome dado ao estudante enviado por uma escola para participar do evento. Hoje, 49 anos são passados de participação e aquisição de muito conhecimento, há 20 anos participo como conferencista, coordenador e professor ministrando estudos sobre os temas solicitados pela Casa de Cultura Euclides da Cunha para cada evento anual, sempre com desfile de escolas, tiro de guerra, fanfarras e toda a sociedade rio pardense envolvida, com abertura das atividades, no dia 08 de agosto, e o encerramento no dia 15 de agosto, datas consideradas feriado municipal na cidade. Este ano, 2014, o tema do evento foi “veredas euclidianas”, já constando sua 102ª edição. Durante alguns anos atuei como coordenador de estudos, preparador de avaliações, avaliador e corretor dos trabalhos intelectuais apresentados pelos maratonistas, alunos do Ensino

Fundamental, alunos do Ensino Médio, dos cursos superiores das cidades circunvizinhas e professores que atuam no magistério que procuram cursos de extensão universitária. Durante os anos em que lecionei para o ensino médio nas escolas estaduais de São Paulo, sempre acompanhei um ou dois de meus alunos levando-os a participar dos eventos culturais da semana; nos anos 1999, 2000, 2002, 2003 e 2004, como professor do CEFET/SP, encaminhei, orientei e estive ao lado de vários alunos que participaram com distinção do evento, tendo o então CEFET/SP, atual IFSP, se sagrado vencedor da Maratona Intelectual Euclidiana com os melhores trabalhos escritos e com excelente participação intelectual em todas as atividades, incluindo oficinas de fotografia, teatro e redação.

**Euclides da Cunha geralmente é encarado como um gênio pela criação de *Os Sertões*, mas também como um autor hermético com seu chamado “barroco científico” e a linguagem preciosista do século XIX. Isto traz algum obstáculo para o jovem participar de um evento como esse?**

Penso que não cabe ao estudante escolher uma obra literária com linguagem preciosista, com estilo hermético ou “barroco científico” como querem alguns tachar Euclides da Cunha, mas ajudar e discipular o estudante que será inscrito para que sinta o gosto por esta técnica preciosista, pelo estilo difícil de um engenheiro/jornalista para saciar seu gosto pela leitura. Atribuo esta responsabilidade ao professor de Português, Literatura e Redação para que motive, incentive, acompanhe o aluno no decorrer da proposição da leitura e na apresentação de um tema literário para que ele satisfaça sua curiosidade e aceite o desafio a fim de adquirir conhecimento e discutir a altura de forma escrita ou oral, sem constrangimento ou ressalvas intelectuais: – fazer o aluno pensar sobre o tema proposto na obra!

Sempre que vou a São José do Rio Pardo participar do evento, sinto-me estimulado ao ver o grande número de jovens e adolescentes que se inscrevem para representar suas escolas de norte a sul do Brasil, especialmente da cidade berço de *Os Sertões*, todos envolvidos e decididos a adquirir cultura, debater os problemas brasileiros e apresentar sugestões para que outras semanas euclidianas sejam sempre melhores, mais profundas do que aquela em que eles estão participando, retornem para suas cidades bem melhores e mais cultos, servindo de multiplicadores em suas escolas,

motivando colegas para que leiam a obra *Os Sertões* e incentivando-os também para que participem do evento cultural que no Brasil tem atravessado mais de um século difundindo a cultura e os problemas nacionais.

**Já visitou o palco da Guerra de Canudos? Que impressões teve?**

Em 1997, quando comemorávamos em São José do Rio Pardo, no decorrer da Semana Euclidiana o Centenário da Guerra de Canudos, havia cerca de 20 maratonistas baianos participando e um jornalista, Antenor Júnior, do Jornal *A Tarde*, também euclidiano, além de jornalista, um incentivador da leitura de *Os Sertões*. O grupo, ao retornar para a Bahia, juntamente com a universidade estadual, organizou e preparou o 2º Encontro de *Os Sertões*, na cidade de Cumbe, bem no sertão baiano. Hoje a cidade é conhecida como Euclides da Cunha e fica a 60 quilômetros distante da Nova Canudos. O evento ocorreu em novembro de 1997. Nesta ocasião, alguns professores e conferencistas do Ciclo de Estudos Euclidianos, da Semana Euclidiana, em São José do Rio Pardo, foram convidados para apresentar seus trabalhos no Instituto de Educação Oliveira Brito, marcando minha atuação no movimento com o tema “Antônio Conselheiro e Canudos: aspectos psicológicos”. Lá permanecemos por oito dias apresentando nossos temas literários e visitando lugares por onde Antônio Conselheiro atuou, assim como as quatro expedições do exército brasileiro como Monte Santo, Tucanos, Uauá, Queimadas, Nova Canudos, Alto do Mário, Jeremoabo, Alagoinha, Masseté, Bom Conselho e o sítio arqueológico, palco da guerra, preservado pela UNEB, sob um sol causticante e uma temperatura de 45 graus. A visita estendeu-se até Morro do Mário, local onde pudemos avistar ao longe o Açude de Cocorobó cobrindo a Velha Canudos, palco da guerra, a fim de esconder e tentar apagar a vergonha nacional que abatera o Brasil naquela sangrenta luta, na qual mais de 25.000 brasileiros indefesos foram massacrados pelo exército, tudo denunciado por Euclides em sua obra imortal; trincheiras preservadas e o grande museu onde estão expostos objetos, fardamentos e pertences dos jagunços, de Antônio Conselheiro e das quatro expedições chefiadas pelo Coronel Tamarindo, Moreira César, Major Febrônio de Brito, Artur Oscar, General Carlos Eugênio, Tenente Coronel Durval Vieira de Aguiar, Tenente Pires Ferreira etc. O

rio Vaza Barris desapareceu inundando a Velha Canudos e formando o Açude de Cocorobó com uma enorme barragem de contenção das águas com vários vertedouros que servem na atualidade como canais de irrigação para várias plantações, incluindo algaroba, árvore característica do nordeste que produz grãos que servem como alimento nutricional para o sertanejo e também para o gado durante o período de estiagem.

Minha emoção foi grande e o estímulo maior ainda. Ao retornar a São Paulo, escrevi um artigo para o jornal *A Gazeta*, de São José do Rio Pardo, com o título: “Canudos, uma realidade dentro do Brasil”, abordando a problemática do sertanejo que luta para sobreviver naquela terra agreste onde o povo sofrido vive em busca de melhores dias, seguem atrás de um “padim” que lhe propõe abundância de água, farinha, comida, rapadura e um lugar para morar.

**Qual foi exatamente o envolvimento de Euclides da Cunha com a Guerra de Canudos e como se desenrolou a sua visão sobre o conflito que culminaria na escrita de *Os Sertões*?**

Como ex-militar, pois estudou na Academia Militar no Rio de Janeiro, de onde foi expulso por indisciplina, Euclides da Cunha foi convidado pelo Jornal *O Estado de São Paulo* para fazer a cobertura jornalística dos fatos que ocorriam sob a liderança de Antônio Mendes Maciel, um líder religioso que apregoava dias melhores para o sertão nordestino, ocasião em que desencadeou a Guerra de Canudos em novembro de 1896. Como não era jornalista de profissão, mas engenheiro, Euclides passou a estudar a região nordestina e acompanhar os conflitos que ocorriam com o povo brasileiro sofrido com a seca e o fanatismo religioso disseminado por Antônio Mendes Maciel, o padim, o conselheiro. Somente em 29 de julho de 1897 seguiu para Canudos como repórter, chegando no dia 1º de agosto, passando a observar os acontecimentos, analisando e estudando os aspectos geográficos, geológicos, etnológicos da região para poder documentar e enviar informações sobre o conflito que ocorria no sertão (homens sofridos e indefesos, dependentes da fé) com o litoral (exército bem armado, alimentado e preparado para defender a república). Até 05 de outubro de 1897, Euclides da Cunha permaneceu no sertão documentando os fatos e enviando para São Paulo, data em que se encerrou o conflito, tendo Canudos destruída e o massacre consumado. Chega a São

Paulo doente, fraco, cansado e com fortes sintomas de tuberculose, além de abalado psicologicamente com tudo o que presenciara. No dia 14 de março de 1898, chega a São José do Rio Pardo, nomeado pelo Ministério de Águas e Energia para reconstruir a ponte metálica sobre o rio Pardo que havia ruído com uma enchente causada por uma forte tempestade. Permaneceu na cidade até 1901 quando concluiu a reconstrução da obra civil e também concluiu, deu forma e estrutura a sua obra *Os Sertões* com base nos apontamentos enviados ao jornal *O Estado de São Paulo*. No dia 02 de dezembro de 1902, publica a 1ª edição de sua obra imortal *Os Sertões* pela Editora Laemmert & Cia, no Rio de Janeiro.

**Parece que há outro evento afim dedicado a Euclides da Cunha em sua cidade natal, Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, que já contou com sua participação. Há pontos em comum com a Semana Euclidiana?**

Cantagalo, cidade serrana no estado do Rio de Janeiro, terra natal do escritor Euclides da Cunha, também desenvolve uma semana cultural totalmente voltada para a vida e a obra euclidiana. O povo cantagalense também cultua a memória euclidiana, sendo a Secretaria Municipal de Cultura juntamente com o Grêmio Estudantil Euclides da Cunha, também apoiados pela Casa Euclidiana com todo o acervo, documentação e muito material de propriedade do autor expostos à visitação, consulta e estudos. Participei por duas vezes no mês de novembro com uma oficina de redação, análise e estudo do texto euclidiano, assim como debates e visitação ao local onde Euclides nasceu, hoje, Euclidelândia, onde pude ler e constatar a veracidade do Certificado de Batismo do autor na matriz da cidade. O evento em Cantagalo também ocorre com características semelhantes ao de São José do Rio Pardo: maratonistas, estudantes, professores, conferencistas são convidados e a sociedade cantagalense se envolve na cultura euclidiana, prestigiando desfiles, visitação, simpósios, mesas-redondas, oficinas, palestras, filmes, tudo envolvendo a vida e a obra do autor. No ano 2005, participei com 30 alunos do CEFET/SP que aproveitaram bastante o evento, além de conhecerem a região serrana e o centro da cidade do Rio de Janeiro através da passagem pela Ponte Rio-Niterói, além de observar a paisagem da Cidade Maravilhosa.



**Sabemos também de sua participação na Semana Roseana, em Cordisburgo, no Estado de Minas Gerais. Guimarães Rosa, à sua maneira, também abordou o sertão em sua literatura. Há semelhança entre os dois eventos?**

Realmente o sertão é o tema envolvente das obras dos dois autores, Euclides e Guimarães Rosa. Tanto a Semana Euclidiana quanto a Semana Roseana são duas semanas culturais que homenageiam dois grandes brasileiros cujas obras muito contribuem para nossa cultura, contudo, não tive participação significativa em Cordisburgo; em 2004, apenas resolvi fazer uma visita de reconhecimento levando comigo 12 alunos das classes do Ensino Médio do CEFET/SP que haviam lido, analisado e apresentado seminários de leitura da obra *Grande Sertão: Veredas e Sagarana* nas aulas de literatura, a fim de que eles conhecessem e participassem do evento e atividades da semana que acontece de 07 a 14 de julho todos os anos. A Semana Roseana se limita à exposição das obras e trabalhos, bem como dos pertences do autor e a casa da família Rosa, material exposto na casa onde residiu o autor na Av. Guimarães Rosa, no centro de Cordisburgo, uma pequena cidade interiorana com cerca de 3.000 habitantes, cortada pela Estrada de Ferro que transporta minérios no Estado de Minas Gerais. Visitação ao Parque de Pedra onde estão expostos animais em tamanho original burilados em pedra sabão e a participação em algumas palestras em praça pública ou na biblioteca da cidade; algumas barracas com a venda de quitutes regionais, apresentação de orquestra e alguns passeios por locais que serviram de cenário para o autor compor suas obras, destacando-se a “Barquejada”, um passeio de barco através de um trecho do rio São Francisco, também cenário da obra, onde há apresentações de leitura e encenação de trechos da obra Roseana pelo grupo Miguelão e Miguelim, além de visitas a grutas nas proximidades da cidade.

**Vê pontos em comum entre o sertão de Euclides e o sertão de Guimarães Rosa?**

O sertão euclidiano é apresentado como foto nítida e clara da caatinga, terra sofrida, seca, agreste, mas amada pelo sertanejo que não envida esforços para criar seu



gado, fazer uma plantação de milho, mandioca ou uma pequena horta, sempre à espera da chuva benfazeja que dará o crescimento e o fruto para a alimentação da família: “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Para Guimarães Rosa, o sertão é regado por rios, belas fazendas onde famílias mineiras mantêm as tradições religiosas e cultivam produtos para a própria subsistência; é o narrador personagem, Riobaldo, que presencia os fatos e narra com precisão literária através do autor. Para o leitor penetrar, compreender e aplicar o conteúdo de ambas as obras é necessário vencer a linguagem, adaptar-se a ela, não só ao vocabulário, mas à constante utilização de recursos linguísticos que estabelecem o ritmo da leitura na construção dos textos. “O discurso, em *Grande Sertão: Veredas*, flui como águas de um rio, num fluxo contínuo”. (Davi Arrigucci Jr.). Num processo artesanal, mistura-se à oralidade e a outros discursos que se entremeiam. Em *Os Sertões* mescla-se o discurso científico, jornalístico, geológico, histórico, sociológico; ambos apresentam o discurso poético.

**Euclides e *Os Sertões* têm algo a dizer ao Brasil do século XXI?**

Em pleno século XXI ainda vivemos em meio a um grande conflito semelhante à Guerra de Canudos. Várias discussões precisam ser abertas com o povo brasileiro na atualidade. Alguns exemplos de problemas que enfrentamos já haviam sido abordados por Euclides, citando a violência que tem ocorrido em todos os rincões de nosso país, episódios traumáticos contra famílias até populações inteiras de cidades grandes ou pequenos centros urbanos. Jovens desestruturados familiarmente que promovem movimentos denominados “rolezinhos”, provocando saques em grandes centros urbanos, destruindo e saqueando lojas, praças e bens particulares, gerando grande insegurança para a população; o grande preconceito contra as classes sociais mais baixas ou até mesmo de jovens pertencentes a classes de nível social médio ou alto. Trotes promovidos por estudantes de universidades que se reúnem para se divertir com os ingressantes na vida acadêmica, estudantes de classe média ou alta que promovem a recepção acalorada dos “bichos”, alguns deles sofrendo mutilações e até morte prematura devido à violência do trote; questões sociais que se tornam casos de polícia; pessoas que desaparecem e são encontradas mortas, assassinadas por moradores ou

policiais insatisfeitos com a política dominante, a falta de emprego e a vida que levam. Episódio da morte dos 111 detentos na Casa de Detenção de São Paulo, no Carandiru; o assassinato de menores na frente da Igreja Candelária, no Rio de Janeiro e outros fatos envolvendo a população pobre e marginalizada com os policiais violentos. Trabalhadores sem terra em Eldorado dos Carajás foram assassinados em 1996, assim como em Canudos em 1897. Euclides da Cunha apresenta-nos estes problemas no final do século XIX em sua obra *Os Sertões* denunciando uma sociedade litorânea que desconhece a existência de uma sociedade interiorana e atrasada que precisava de um tratamento diferente do dispensado pelas classes dominantes e que ainda hoje não consegue perceber essa necessidade. Euclides denuncia a maneira como Canudos foi tratada; ele abriu caminho para que o Brasil rico e dominante descobrisse o Brasil pobre e dominado, sem muito sucesso, pois ainda em pleno século XXI continuamos presenciando massacres hediondos e a falta de maturidade intelectual de nossos governantes para atacarem com seriedade tais problemas.

**Stenio Esteter é Bacharel e Licenciado em Letras/Português e Francês pela UNIVAL – Universidade Valeparaibana de Ensino, Especialista em Análise Linguística do Texto pela PUC/SP e professor aposentado da rede pública estadual de ensino.**

**Em outubro de 2014.**